



Ressonâncias semióticas na comunicação

Semiotic resonances in communication

Lucrécia D'Alessio Ferrara*
ldferrara@hotmail.com

Recebido em: 08/03/2022.

Aprovado em: 16/04/2022.

Publicado em: 30/08/2022.

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar a relação que se estabelece entre as características da fenomenologia filosófica, a natureza do conhecimento que dela deriva e o modo como interfere sobre a produção do conhecimento em comunicação. Em primeiro lugar, observa-se a concepção de comunicação como processo transmissivo desenvolvida pelos clássicos estudos de mídia ou pelos processos de comunicação de massa. Em seguida, aproximam-se comunicação e semiótica como campos epistemológicos que, embora desenvolvam mútuas influências científicas, são, não raro, considerados áreas científicas distintas. Atualmente, observa-se a emergência de outras bases de reflexão que podem aproximar a comunicação e a semiótica, enquanto áreas científicas.

Palavras-chave: Comunicação. Conhecimento. Epistemologia. Semiótica.

Abstract: *This paper aims to study the relationship between philosophical phenomenology, the characteristics of knowledge that derive from it, and the way they interfere with the production of knowledge in communication and semiotics. First, we observe the conception of communication as a transmissive process developed by classical media studies or mass communication processes. Then, communication and semiotics are approached as epistemological fields that, although they develop mutual scientific influences, are often considered distinct scientific areas. Currently, it is observed the emergence of other bases of reflection can approximate communication and semiotics as scientific areas.*

Keywords: *Communication. Epistemology. Knowledge. Semiotics.*

1 As perguntas da comunicação

Enquanto área científica, a comunicação se propõe duas perguntas: como a comunicação se comunica e para que serve a comunicação? Essas perguntas se apresentam de modo distinto: enquanto a primeira está voltada para a identificação da área, a segunda é de natureza funcional. Entretanto, em ambas, está presente a mesma sinalização científica: referem-se à experiência da ação comunicativa, demonstrada pelos seus efeitos. A partir dessas perguntas, chega-se a uma terceira que direciona as duas anteriores: seria a comunicação uma ciência pragmática? Para Peirce, a resposta é decisiva: “Consider what effects, that might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object” (CP 5.402).¹



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Professora do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP – Brasil.

1 Considerando as consequências práticas como efeitos do objeto, então a concepção destes efeitos é o todo de nossa concepção do objeto (CP 5.402, tradução nossa).

Se considerarmos a citação, a comunicação é ciência pragmática, sua definição está vinculada aos efeitos que dela decorrem e como, através deles, ela se dá a conhecer. Desse modo, as questões anteriores estão voltadas para a forma como a comunicação se configura e isso equivale a estabelecer profunda relação entre semiótica e comunicação, ou seja, se a primeira é, sobretudo, configuração ou modo de aparecer, a segunda refere-se, sem dúvida, a diferentes percepções ou aparências da experiência. Ambas são marcadas pelo modo como aparecem e, desse modo, tornam-se conhecidas e reconhecidas são, portanto, fenômenos e produzem fenomenologias.

Porém, enquanto pragmática, a identidade da comunicação como área científica se faz difusa e imprevista, porque se apresenta diversa em cada emergência das suas aparências e aí está o paradoxo da primeira questão: a comunicação é diferente. As aparências do seu modo de comunicar podem levar à diferentes percepções dos seus efeitos e essas diferenças interferem na sua possível ação pragmática. Como consequência, é indispensável identificar ou discriminar as características do seu modo de aparecer e a grande questão proposta para o desenvolvimento de uma epistemologia da comunicação se concentra no conceito de fenômeno que se distingue do conceito de fato científico.

Se o segundo se refere aos fatos tomados empiricamente, o fenômeno, ao contrário, é aquilo que nos aparece e contagia o modo como podemos perceber, portanto, essa percepção constitui experiência vivida, considerada como um convite ao conhecimento. Para a epistemologia da comunicação, essa experiência é seu estágio inicial obrigatório, mas o conhecimento que produz passa por distintas faces daquilo que é cognoscível. Ou seja, o objeto científico da comunicação é agenciado menos pelo “fato” que estuda, do que pela descrição fenomenológica tendente a explicar a natureza do fenômeno.

Conhecer pela aparência do mundo nos leva à produção de conhecimento a partir da discriminação do modo como o vemos e permite a fruição de sua experiência. Confundem-se ou sobrepõem-se epistemologia e metodologia e, enquanto fenômeno, o objeto do conhecimento parece propor-se como espetáculo que, pela sua visualidade, chama a atenção. Desse modo, o objeto de conhecimento da comunicação exige que o definamos como espetáculo múltiplo, conforme os olhos metodológicos que o estudam, se voltam para o conhecimento do mundo, tendo como base sua visualidade. Porém e não raro, visual se confunde com o espetáculo, comunicado através de filtros técnicos, sejam eles tecnológicos ou não. As fenomenologias da comunicação são muitas, mas em todas, está presente estreita relação entre configurações do mundo e modos de ver que se fazem comunicantes. Aproximam-se comunicação e semiótica e a procura da certeza parece constituir o horizonte de ambas.

Entretanto e nesse horizonte, a definição da comunicação como área científica parece reduzir-se ao modo técnico ou tecnológico pelo qual se torna concreta. Portanto, a proliferação dos meios técnicos constitui condição para a definição da comunicação enquanto movimento orgânico e transmissivo de crenças, valores, ações, comportamentos, articulações humanas e sociais, mas sempre, são circulações que ocorrem através dos meios técnicos. Confundem-se comunicação e meios técnicos e/ou tecnológicos. Embora a comunicação fez-se notar, na antiguidade grega, através da maiêutica de Sócrates e/ou da retórica de Aristóteles, em síntese e oficialmente, o nascimento da comunicação coincide, no século XX, com a difusão dos meios técnicos que vão da invenção dos tipos gráficos à instalação e sedimentação dos meios propriamente massivos e da recepção pública da informação.

Como desenvolvimento tecnológico, os meios digitais apresentam, no século XXI, uma complexidade que impõe, de um lado, considerar a superposição dos polos simplesmente transmissivos de emissão e recepção e, de outro e ao contrário, a assunção complexa de um campo interativo, no qual os polos anteriores se entrecruzam e se relativizam. À medida em que a anterior função transmissiva e utilitária é substituída por um campo de forças mais complexo liderado pelo comunicar, agitam-se, aliam-se, dividem-se ou polarizam-se os domínios sociais, culturais, políticos e econômicos. Nessa complexidade, as questões que compunham a anterior Teoria da Comunicação do século XX, perdem suas intenções totalizantes, para dar lugar a possíveis comunicologias passageiras, que apresentam epistemologias tanto mais indeterminadas, quanto mais irregulares.

2 As fenomenologias da comunicação

Na anterior aproximação entre comunicação e semiótica, parece prevalecer certa confusão ou porosidade de limites entre epistemologia e metodologia. As vertentes fenomenológicas apresentam protocolos metodológicos que interferem na epistemologia da comunicação, na medida em que lhe propõem diferentes modelos metodológicos de análise, que acabam por interferir na própria natureza do objeto científico da comunicação e são responsáveis pelas distintas tonalidades do seu conhecimento.

Em consequência, observa-se, na dimensão das propostas de análise do fenômeno comunicacional, o emprego da máxima fenomenológica proposta por Husserl resumida, inicialmente, por ir “às coisas mesmas” para, depois, processar uma “redução fenomenológica” capaz de atingir o eidos transcendental, livre das anteriores manifestações empíricas. Nesse sentido, parece estar presente uma inquestionável base empírica de apreensão do objeto científico da comunicação pela qual, torna-se marcante, de um lado, a base que reduz a metodologia da comunicação à descrição dos seus distintos objetos empíricos e, de outro lado, sua redução a um modelo que procura tornar homogêneas, as diferentes características empíricas.

Deixa-se para segundo plano, ou torna-se secundária, a dimensão interrogativa da natureza heurística e propriamente epistemológica daquele objeto. Como consequência dessa tendência, as características técnicas ou tecnológicas dos suportes do processo comunicacional se transformam e passam de dimensão significativa, a um domínio expressivo que acaba por confundir-se com uma dominante propriamente comunicativa. A epistemologia fica reduzida à própria natureza significativa daqueles suportes técnicos e/ou tecnológicos que, afinal, acabam por ser alçados à instância científica. Assim fala-se da epistemologia dos meios, e afirma-se que devem ser estudados, primeiro, através da descrição do modo como operam e, depois, pela tradução das respectivas variáveis, reduzidas a dados homogêneos. Nessa dinâmica, reduz-se a complexidade da relação entre emissor e receptor, entre mensagem e transmissão, entre meio e linguagem, entre expressão e comunicação, entre epistemologia e metodologia.

Nessa tendência descritiva e redutora, a epistemologia da comunicação perde a dimensão dos seus limites investigativos e transforma-se em manual que prescreve o objeto e determina constantes metodológicas, transformadas em regularidades sintáticas que, à maneira de modelo, determinam o que são e como devem ser estudados os meios comunicativos. Confundem-se meios técnicos e comunicação.

Nessa instrumentação da relação comunicativa, apontam-se dois desencontros científicos. O primeiro de natureza epistemológica que supõe certo domínio do emissor que, como sujeito onipotente, subordina a recepção; o segundo é de natureza metodológica e reduz a heurística daquela operação científica à desmontagem descritiva daquele signo instrumental que se faz presente, através da taxonomia das suas características invariantes. Uma dificuldade que atinge os territórios científicos da semiótica e da comunicação: para a semiótica, o signo é um instrumento, meio ou veículo e, para a comunicação, a relação emissor/receptor é entendida como linear.

Esse descompasso reduz a comunicação a uma operação estática e corriqueira que desconhece o caráter processual, dinâmico e complexo, inerente ao reconhecimento do signo enquanto vínculo comunicativo que considera, ao mesmo tempo, o caráter instrumental do signo, mas valoriza, sobretudo, o caráter interativo da própria natureza sógnica. Nesse processo interativo, não se comunica apenas uma mensagem, mas sobretudo, um modo de comunicar.

O reconhecimento desse caráter do signo de transmitir e de transmitir-se exige que se admita a mudança epistemológica que ocorre quando consideramos, no objeto científico, a transmissão veicular e o vínculo comunicativo. Se enquanto veículo, o meio comunicativo submete-se às argúcias descritivas, enquanto vínculo, o objeto torna-se ambíguo, porque não se deixa definir nos seus limites, mas se processa através de misturas sógnicas que decorrem, processualmente, da natureza tecnológica, social e cultural de constante complexidade e presente em todos os vínculos comunicativos. Esse objeto exige um processo cognitivo imprevisível que se impõe ir além do sujeito, mas está destinado a ficar sempre aquém da dinâmica complexidade do objeto (FERRARA, 2007).

A tensão a que o conhecimento expõe o mundo vivido é imprevista e é imediato considerar que o conhecimento é indeterminado e irregular, como observa Peirce em relação à categoria da experiência da primeiridade, considerada a única possibilidade de gerar novos conhecimentos, pois nos ensina a ver o mundo sem reduções diretivas ou modulares daquilo que lhe deve ser próprio. Não apenas “ir às coisas mesmas”, mas ver como as coisas são, a fim de conferir-lhes o sentido que podem ter. Evidentemente, para essa fenomenologia, o ver é descobrir sem modelos. Esse ver é imprevisível e se transforma em hipóteses abduativas que nos ensinam a ver uma face possível do mundo, para que possamos entendê-lo. (CP 5.71; 5.169-171). Deslocando as certezas, confere-se atenção às subjetividades aderentes às mentes e aos corpos, ao visível e ao invisível, àquilo que aparece e àquilo que se esconde.

Reconhecer esse movimento que ultrapassa o objeto, mas não estanca o sujeito, constitui a natureza epistemológica de uma ciência da comunicação, mas esse reconhecimento supõe ultrapassar a natureza de uma base veicular-transmissiva, para alcançar sua raiz mais profunda, seu germe vincutivo-interativo. Esse movimento supõe constatar as faces epistemológicas de uma operação entre signos e comunicação e responde a duas questões básicas: que é comunicar e/ou que é semiotizar?

3 Comunicar e semiotizar

A resposta às duas questões pode ser alcançada se relacionarmos comunicação e semiótica como um duplo que ostenta duas faces não estanques e, muito menos, excludentes. Vejamos.

1) Face veiculativa: supõe-se um caráter de contiguidade que se comunica através de um código submetido a uma lógica linear, pela qual se inscreve e expressa a mensagem que se quer transmitir. Sua análise se resume à descrição dos elementos que constroem aquela linearidade e procura traduzir o complexo da mensagem em seus elementos mais simples e estruturais. Comunica-se através de uma mensagem em cadeia contígua que vai do emissor ao receptor. Entretanto, essa contiguidade transforma a comunicação em rotina que, enquanto hábito, não chega a tornar evidente a natureza do próprio signo, através do qual se comunica. O hábito transforma o signo em simples instrumento e seu conhecimento se restringe à descrição dos seus mecanismos de transmissão controlados, metodologicamente, pela escansão das suas etapas. Nesse detalhamento, de um lado, não raro se omite a dimensão epistemológica que implica o reconhecimento da comunicação como campo científico, que vai muito além da simples descrição da sua base funcional-transmissiva mas, de outro lado, também se reduz a comunicação à mensagem que, transmitida, se faz segura enquanto modo de emitir e receber. Seus efeitos transmitem a segurança da ação costumeira e sem imprevistos.

2) Face vinculativa: considera-se a relação que decorre da estrutura de um signo, mas sua dimensão comunicativa supõe um domínio extra-signo e, por assim dizer, super-comunicativo; uma espessura representativa que decorre da relação dialogante entre processos que são, ao mesmo tempo, semióticos e comunicativos.

Vínculos em duplo confronto ou dupla face (IBRI, 2021, p. 71). De um lado, reconhece-se a relação veiculativa anterior mas, de outro lado, atritam-se os repertórios culturais do emissor e do receptor e, através daqueles confrontos, se processa uma operação tradutória; nesse caso “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 2005, p. 111), mas está muito distante do simples caráter instrumental do signo. A dimensão contígua da categoria veicular-transmissiva é substituída por uma operação contínua e processual, que se caracteriza pela descoberta do outro na relação comunicativa.

Essa alteridade supera a simples e convencional reação que sucede toda ação, para descobrir, na alteridade, uma possibilidade insegura e incerta de comunicação, mas capaz de se fazer perceptiva através de adesões entre sensibilidades não programadas. Indo além da simples relação ação/reação, essa indeterminação abre outra frente epistemológica feita de riscos comunicativos, porque são radicais, ao serem imprevisíveis, embora disponíveis à curiosidade ou à atenção perceptivas.

Quando o meio é a mensagem, a dimensão semiótica se revela e impõe a consideração do seu papel que vai muito além de um simples instrumento ou função, ao contrário, propõe-se superar uma estrutura unívoca, para gerar um contínuo que vai do signo ao modo como se comunica.

Nessa dimensão semiótica da comunicação, é necessário desnaturalizar a percepção subjacente à relação emissor-receptor, para perceber sob ela, as diferenças e heterogeneidades sociais e culturais que são comunicadas através dos signos/vínculos construídos, social e culturalmente. A percepção dessas heterogeneidades descaracteriza as contiguidades lineares entre emissor-receptor ou entre sujeito-objeto cognitivo. Nas respectivas diferenças, emissor e receptor tangenciam-se e atritam-se na troca constante de papéis em circularidade.

Esse caráter de duplicidade do modo como se dão a conhecer, faz com que os vínculos comunicativos se aproximem daquela epistemologia que Bateson (2006, p. 256) reconheceu ser de duplo vínculo, assim chamado, porque solicita a atenção capaz de perceber a criação de um ambiente comunicativo diverso da simples transmissão, porque solicita outra dimensão e outros componentes epistemológicos:

- 1) Es pertinente emplear las expresiones “mente” y “proceso mental” para designar lo que ocurre en sistemas que poseen múltiples partes, de suerte que lo que llamo “procesos mentales” son en realidad eventos ocurridos en la organización y en las relaciones entre esas partes.
- 2) Es característico de la mente y de los procesos mentales el hecho de que, en muchos de los pasos que constiuyen los circuitos de la mente, los eventos sean causados, no por fuerzas o impactos, sino por *diferencias*. (BATESON, 2006, p. 266).²

Entretanto, não se quer afirmar que se trata de outra epistemologia, mas procura-se admitir que os vínculos inserem diferenças comunicativas inseguras e imprevistas, mas capazes de interferir sobre o que se comunica e, sobretudo, sobre o modo como se comunica: cria-se um ambiente responsável por uma relação entre mentes participantes do processo interativo. Enquanto ecologia, caberia aproximar esse duplo vínculo do contínuo perceptivo, anunciado por Peirce e estudado por Ibri (2021, p. 71). A característica fenomenológica subjacente ao “duplo vínculo” de Bateson, parece transformar “ir às coisas mesmas” em atenção perceptiva que, superando toda regularidade ou reiteração geral, se nutre de uma heurística relacionada à vertente da primeiridade de Peirce. Conforme leitura do trabalho de Ibri mencionado antes, essa característica de imprevisibilidade e indeterminação estaria vinculada, não só à primeiridade, mas sobretudo, à característica do tempo como continuidade:

Um dos pontos mais instigantes da Metafísica peirciana é justamente referente ao Tempo. Segundo Peirce, o tempo é dotado de continuidade, mas, como todo continuum, ele não é perfeito deve haver nele algum aspecto de descontínuo. A negação do predicado de perfeição ao contínuo do tempo é coerente com o indeterminismo ontológico da filosofia peirciana. (IBRI, 2021, p. 93).

De um lado, impõe-se perceber que há entre relações veiculativas e vinculativas uma diferença marcante que se refere ao modo como ambas se exibem, enquanto ação no mundo. Se as relações veiculativas tendem a transformar ações e respectivas reações àquilo que se torna habitual e reiterativo pela repetição e conseqüente contigüidade cronológica, as relações vinculativas exibem a continuidade que ressoa no tempo, de modo que, entre os vínculos, é possível encontrar rastros que sugerem aproximações ou reverberações imprevistas, mas disponíveis à atenção heurística.

2) 1) É pertinente empregar as expressões “mente” e “processos mentais” para designar o que ocorre em sistemas que apresentam múltiplas partes, de modo que o que chamo “processos mentais” são, na realidade, fatos que ocorrem na organização e nas relações entre essas partes.
2) É característico da mente e dos processos mentais o fato de que, em muitos momentos que constituem os circuitos da mente, os eventos sejam causados, não por forças ou impactos, mas por diferenças. (BATESON, 2006, p. 266, tradução nossa).

De outro lado, se é possível perceber a exigente dimensão epistemológica subjacente aos circuitos comunicativos em vínculo, é também necessário perceber que as dimensões conceituais e modelares se fazem mais presentes no rigor metodológico exigido no estudo das relações veiculativas. Porém, entre ambas e decorrente do modo como se deixam perceber, é necessário apreender o papel da semiótica e dos seus fundadores, Peirce e Saussure, na história da comunicação (JAKOBSON, 1978, p. 42-53).

Se entre vínculos comunicativos e processos sýgnicos, temos a semiose de um contínuo, sem cronologia e sem geografia, entre veículos comunicativos, é possível construir trajetos de um campo científico no qual o reconhecimento do objeto científico se torna mais imediato.

4 Do vínculo à espessura comunicativa

Nessa ressonância irregular entre certezas conceituais e indeterminação epistemológica, se desenha outra dimensão científica que exige reconhecer a flutuação semiótica, presente em todo vínculo comunicativo que ocorre sob a dominância tecnológica, cultural e social dos veículos em mudança acelerada.

A multiplicação contínua da expansão tecnológica dos meios e dos signos em semiose aumenta, de modo decisivo, o repertório cultural que dá, ao receptor, outras condições de ação e reconhecimento da própria densidade comunicativa. Epistemologicamente, não se opõem os planos do formal e do vivido, mas reage-se à estruturalidade apenas transmissiva da forma comunicativa, que reduz o mundo vivido e comunicado à simples demonstração expressiva dos seus significantes ou meios. De um lado, está a dimensão que reduz o mundo vivido à simples comunicação do seu modo de aparecer e representar-se, de outro lado, se apreende a densidade comunicativa, que decorre da exigente atenção solicitada pela imprevisibilidade de um mundo que não se submete ao hábito, mas, ao contrário, propõe alternativas e imprevisibilidades de ações não programadas.

Entre semiótica e comunicação em ressonância, sugere-se a presença de uma epistemologia mais afeita à heurística do que ao rigor teórico aplicativo e explicativo do conceito. Propõe-se uma epistemologia que consiga processar o conhecimento na práxis vivida da comunicação e, vice-versa, na dimensão vinculativa dos seus meios: um conhecimento capaz de apreender a semiose vinculativa que parece desenhar outro horizonte para uma epistemologia da comunicação.

Portanto, no contemporâneo, produzir uma epistemologia da comunicação exige reconhecer que os vínculos comunicativos têm, como suportes, meios de intensa presença semiótica, mas seu desempenho é gerador de um conhecimento do mundo que exige perceber o modo indeterminado e vago que caracteriza aquela semiótica. Desse modo, comunicação e semiótica colocam-se como disciplinas relacionais que, em fronteira, organizam a práxis de relações sociais e culturais. Nessa lógica, semiótica e comunicação desafiam-se mutuamente e propõem soluções analíticas provisórias, em constante transformação ou semiose. A semiótica não se refere ao signo como instrumento de alienação do sujeito, mas a uma nova forma de pensar e habitar o mundo, através do modo como ele se apresenta e manifesta o jogo das suas relações representativas.

Desse modo, entende-se que a base semiótica da comunicação só se realiza, na medida em que contempla o movimento de uma mente interpretadora que, naturalmente, preenche de sentidos o território que existe entre a relação comunicativa e o signo que a representa, sem sujeitá-la. Observa-se que o vínculo só se transforma em interação comunicativa quando exige a aderência de uma reação cognitiva que é índice de outra inteligência pronta a responder, de maneira própria e original, ao estímulo dos vínculos.

O sentido coletivo presente na etimologia da palavra comunicação se redesenha experimentalmente através de ensaios e erros que se afinam e refinam, à medida em que a aceleração dos meios aponta para a respectiva eficiência transmissiva mas que, estando também presentes nos vínculos comunicativos, nos ensinam a atuar coletivamente e a rever a própria dimensão dos signos presentes na semiose dos seus

vínculos. Essa experiência exige uma operação cognitiva contínua que se produz na interface semiótica de valores culturais processados por uma mente interpretadora.

Referências

BATESON, Gregory. *Uma unidade sagrada: Pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente*. Barcelona: Gedisa, 2006.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Comunicar e semiotizar. In: FERREIRA, Jairo (org.). *Cenários, teorias e epistemologias da comunicação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

IBRI, Ivo A. A dupla face dos hábitos: tempo e não-tempo na experiência pragmática. In: IBRI, Ivo A. *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas*. v. 2. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 71-100.

JAKOBSON, Roman. *Lo sviluppo della semiótica*. ECO, Umberto (org.). Milão: Bompiani, 1978.

MCLUHAN, Marshall. *Mcluhan por Mcluhan: entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização*. MCLUHAN, Stephanie; STAINES, David (orgs.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PEIRCE, Charles S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. HARTSHORNE, Charles. WEISS, Paul (Eds.). v. 1-6. BURKS, Arthur W (Ed.). v. 7-8. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935; e 1958. 8 v.